

*MADLINE HUNTER*

*PROVOCADORA*

*TRADUZIDO DO INGLÊS POR*

*ANA SOFIA PEREIRA*

ASA

## CAPÍTULO 1

Um bom amigo deixa outro dar largas ao seu mau génio, ainda que considere isso maçador. E foi dessa forma que Grayson, conde de Hawkeswell, se aproveitou da amizade de Sebastian Summerhays enquanto viajavam na carruagem deste último naquela manhã luminosa de agosto.

– Maldito o dia em que a minha prima me apresentou àquele velhaco. – Ouviu a sua voz rosar de fúria. Jurara a si próprio, *jurara*, que não faria aquilo, mas ali estava ele, a deitar fogo pelas ventas com a imbecilidade da vida e a despejar a sua desgraça nos ouvidos de Summerhays.

– Thompson não se mostrou de todo disposto a cooperar? – perguntou Summerhays.

– Claro que não! Mas o administrador dos bens dela concordou em juntar-se a mim para insistir na abertura de um novo inquérito e, com a ajuda da Providência e dos tribunais, ficarei livre deste desastre complicado no final do ano.

– Não faz qualquer sentido interferir com o inquérito. O homem não é racional se tentar isso.

– Ele quer a ligação de parentesco. Ou antes, a mulher dele quer. Apesar do pouco valor que possa ter, ela está a minar o processo, na esperança de que os novos laços se mantenham assim que

a ligação em si seja extinta. Ele sente-se igualmente confortável com a forma como as coisas estão. Detém o controlo do negócio, que era o que ele queria. Se pusermos um fim a este impasse, ele arrisca-se a perder isso.

– Então, é bom ires passar algum tempo no campo. Um pouco de paz far-te-á bem.

Summerhays sorriu como o bom amigo compreensivo que era. A sua expressão exibia algo semelhante à compaixão de um médico, como se receasse pela saúde do homem que estava a apaziguar.

Lord Hawkeswell viu o seu ressentimento espelhado na reação do amigo e a raiva transformou-se em humor amargo. – Sou uma figura caricata, verdade? É esse o castigo por nos vendermos em casamento por um pouco de prata, creio eu.

– Esse tipo de uniões são feitas constantemente. Tu foste vítima de uma circunstância singular, nada mais.

– Esperemos que essas circunstâncias se alterem em breve. Encontro-me enterrado em dívidas até ao pescoço e vendi tudo o que pude. Terei de passar o inverno a papas de aveia, bem creio.

A conversa enveredou por outros assuntos, mas parte da mente de Hawkeswell permaneceu focada na questão marital espinhosa que o atormentava há dois anos. Verity afogara-se no rio Tamisa, mas o seu corpo nunca havia sido encontrado. De que forma ela chegara lá no dia do casamento e por que motivo decidira sequer sair de casa permanecia um mistério. Havia quem o quisesse culpar por isso.

A sua velha reputação de ter mau génio alimentou tais especulações, mas qualquer idiota podia ver que ele não tinha interesse em que Verity desaparecesse naquele dia. Um casamento não consumado era um casamento ambíguo, como o administrador dos bens dela lhe explicara de forma bastante clara quando se recusou a entregar-lhe os rendimentos do fundo fiduciário. A Igreja teria de decidir se existira de facto um casamento caso ela alguma vez fosse declarada morta. Entretanto...

Entretanto, o marido dela, ou talvez o não exatamente marido, podia esperar. Todavia, não podia voltar a casar-se enquanto ela oficialmente ainda estava viva e o dinheiro que o levava até ao altar estava fora de alcance. Ele encontrava-se num limbo.

Esse sentimento de impotência enfurecia-o. Ficava ressentido com o facto de ser um joguete do destino. Pior, aquilo podia arrastar-se durante anos.

– Agradeço a tua companhia, Summerhays. És demasiado amável para me dizeres que estou a ser maçador. Foi generoso da tua parte sugerir que eu te acompanhasse nesta viagem antes de prosseguir a cavalo para o Surrey.

– Tu não és maçador. Estás num dilema difícil e lamento não ter uma solução para ti. Uma vez que não me deixas emprestar-te...

– Não quero mais uma dívida, muito menos a um amigo. Não vejo quaisquer perspectivas de conseguir restituir aquilo que já foi gasto.

– Compreendo. Todavia, se as papas de aveia se tornarem uma realidade, talvez aceites a minha oferta por atenção à tua prima e tia.

– Não posso aceitar. – Mas a verdade era que podia, é claro. Se as coisas ficassem assim tão más, provavelmente aceitá-la-ia. Uma coisa era ser ele a sofrer, outra pior era ver a situação afetar aqueles pelos quais era responsável. Ele já carregava uma culpa considerável, não só pela sua tia e prima, mas também pela boa gente que vivia nas terras que faziam parte do seu morgadio e que mereciam mais atenção e generosidade do que ele podia oferecer.

– Avisaste a tua mulher que ias chegar um dia mais cedo? – perguntou ele. Summerhays casara-se na primavera e a sua mulher visitava as amigas no Middlesex com alguma frequência. As suas estadias naquele verão eram muitas vezes prolongadas, de forma a evitar o calor da cidade.

– Concluí os meus afazeres tão tarde ontem à noite que não fazia sentido. Far-lhe-ei uma surpresa. Audrianna não se irá importar.

Hawkeswell admirou a segurança com que o amigo dissera aquelas palavras. Por norma, as mulheres importavam-se sobremaneira quando os maridos interferiam com os seus planos. Se Summerhays fosse outro tipo de homem, e a mulher outro tipo de mulher, aparecer inesperadamente, um dia mais cedo, numa visita social na província podia levar a algumas explicações constrangedoras.

O coche avançou ao longo da estrada principal da aldeia de Cumberworth, com o seu cavalo castrado negro a trotar preso pelas rédeas. Teria de visitar a tia assim que chegasse ao Surrey, presumiu ele, e dizer-lhe que em breve teria de se desfazer da casa dela da cidade. Não seria um encontro agradável.

Ainda pior do que isso seria a reunião com o administrador, que iria de novo aconselhar o processo de cercar e fechar as terras comunais da propriedade. Hawkeswell resistira muito tempo a seguir as práticas modernas a esse respeito, procurando evitar as privações que esse processo traria às famílias cujas vidas dependiam dessas terras.

Pessoas que não viam os telhados sobre as suas cabeças serem mantidos adequadamente pelo senhorio não deveriam agora ser privadas mais uma vez, e de formas piores. Porém, as suas finanças tinham atingido um ponto urgente e terrível e, a não ser que melhorassem em breve, todos iriam sofrer de qualquer maneira.

O coche virou à saída do conjunto de casas. Pouco menos de um quilómetro depois, virou novamente muito devagar para um caminho privado. Um letreiro assinalava a propriedade: FLORES PRECIOSAS.

O cocheiro parou depois do arvoredado, à frente de uma casa de pedra aprazível rodeada por um bonito jardim de plantas perenes de estilo livre e rústico. Summerhays abriu a porta do coche. – Tens de entrar e conhecer as senhoras. Audrianna vai querer ver-te.

– Eu vou pegar no meu cavalo e seguir viagem. É a ti que ela vai ficar feliz de ver.

– O cavalo precisa de descansar. Insisto em que me faça companhia. Mrs. Joyes dar-te-á alguma coisa para comer e beber antes de seguires viagem e assim ficas a conhecer o jardim das traseiras. Está entre os mais belos do Middlesex.

Uma vez que os deveres que o aguardavam no Surrey não incitavam a uma pressa especial, Hawkeswell acompanhou o amigo e caminharam até à porta. Uma mulher magra abriu-a e fez uma mesura quando viu Summerhays.

– Lady Sebastian não o esperava hoje, senhor. Não tem as malas prontas e está no jardim.

– Não tem importância, Hill. Não me importo de esperar. Sei onde fica o jardim, se tiver outros afazeres.

Hill fez outra mesura, mas acompanhou-os no interior da casa. Passaram por uma sala de estar e por uma pequena e acolhedora biblioteca, repleta de poltronas. Hill deixou-os quando entraram noutra sala de estar, mais informal, nas traseiras.

– Vem comigo – disse Summerhays. Ele seguiu na dianteira ao longo de um corredor que dava para uma grande estufa. – Mrs. Joyce e as senhoras têm um negócio aqui, chamado Flores Preciosas. Tiveste oportunidade de ver a mestria das suas mãos no meu casamento e em muitas festas na passada temporada social. Aqui é onde levam a cabo a sua magia.

A estufa era impressionante e enorme. Árvores de citrinos e fetos, plantas e videiras enchiam-na de folhagens verdes e odores. As janelas do topo tinham sido abertas e uma brisa cruzada fazia esvoaçar folhas e pétalas.

Avançaram até ao fundo da estufa, onde uma videira carregada de cachos de uvas estava suspensa sobre algumas cadeiras de ferro e uma mesa de pedra.

Hawkeswell olhou lá para fora através da parede de vidro. O vidro ondulado dos painéis retangulares distorcia o cenário exterior, empalidecendo, mesclando e borratando as cores, e tornando-o mais parecido com uma aguarela difusa do que com uma pintura a óleo renascentista. Mesmo assim, era possível identificar quatro

mulheres debaixo do que parecia ser um caramanchão junto a um muro de tijolos no extremo da propriedade.

Summerhays abriu uma porta e as imagens clarificaram-se. Era um caramanchão coberto de botões de rosas brancas. Audrianna estava sentada num banco de jardim sob o caramanchão, ao lado da pálida e perfeita Mrs. Joyes dos olhos cinzentos escuros. Hawkeswell conhecera Daphne Joyes no casamento de Summerhays.

Duas outras mulheres estavam sentadas na relva, de frente para o banco. Uma era loira, exibindo um penteado muito elaborado. A outra usava um chapéu de palha simples cuja aba larga lhe obscurecia o perfil.

Mrs. Joyes reparou nos cavalheiros a sair da estufa e ergueu o braço num cumprimento.

As duas mulheres no chão viraram as cabeças para ver quem Mrs. Joyes tinha saudado. De seguida, aquele chapéu virou-se para a frente e a mulher que o usava focou a sua atenção em Audrianna.

Uma sensação estranha vibrou dentro de Hawkeswell, como o ressoar de uma corda de um instrumento sem som. Aquela parcela de relva estava à sombra e aquele chapéu tornava as sombras mais profundas. E, no entanto...

Ele examinou com atenção o chapéu, deveras imóvel agora. Não voltou a virar-se, mesmo quando Audrianna e Mrs. Joyes chamaram Summerhays para se juntar a elas. A inclinação da cabeça, todavia, fez aquela corda ressoar de novo.

Ele caminhou na direção delas com Summerhays, ao longo de caminhos de areia que serpenteavam entre milhares de flores.

– Quem são as outras? – perguntou. – As que estão sentadas no chão.

– A loira é Miss Celia Pennifold. A outra é Miss Elizabeth Smith. Elas chamam-lhe Lizzie.

– Já as tinhas visto antes?

– Oh, sim. Conheço pessoalmente cada uma das flores preciosas.

Hawkeswell exalou profundamente. É claro que Summerhays já as teria conhecido a todas. O sinal de alarme dos seus instintos era despropositado.

– Bom, não Lizzie, agora que falaste nisso. Nunca me dei conta disso antes, mas embora a tenha visto no jardim, através do vidro da estufa ou até a passar de chapéu, creio que nunca fomos apresentados.

Eles acercaram-se das senhoras. A parte traseira do chapéu permaneceu resolutamente virada para eles. Mais ninguém pareceu reparar nisso, ou considerá-lo grosseiro, na troca caótica de cumprimentos e apresentações que se seguiu.

Ninguém pareceu dar-se igualmente conta de que Lizzie nunca fora apresentada ao marido de Audrianna, assim como o próprio Summerhays confessara há pouco. Mas um conde entrara no jardim pela primeira vez e a imobilidade daquela cabeça não podia durar para sempre nas cortesias que se seguiram. A dado momento, Audrianna começou a fazer a apresentação oficial a Lizzie.

O chapéu ergueu-se quando Lizzie se levantou. O sangue começou a martelar ruidosamente dentro da cabeça de Hawkeswell à medida que aquele corpo ágil, envolto em simples musselina azul se voltou. Com a cabeça recatadamente curvada e a aba larga a obscurecer-lhe o rosto, Lizzie fez uma mesura.

O martelar dentro da sua cabeça abrandou. Não, enganara-se. E, no entanto, a memória dos pormenores era tão vaga. Tão escandalosamente vaga. Mas não, a sua mente pregara-lhe uma partida, ponto final.

– Vou pedir a Hill para trazer refrescos – disse Lizzie baixinho. Muito baixinho. Como se estivesse a sussurrar.

Ela fez uma nova mesura e afastou-se. O círculo de mulheres, no burburinho da conversa, não prestou muita atenção à sua partida.

De novo, a inclinação daquela cabeça. A forma de caminhar. O martelar selvático recomeçou.

– Pare.

Todos ficaram imóveis à ordem dele e fitaram-no fixamente. Exceto Lizzie, que continuou a caminhar sem olhar para trás. O seu andar alterou-se, porém. Ela parecia preparada para desatar a fugir.

Ele avançou a passos largos atrás dela e agarrou-lhe o braço.

– Lord Hawkeswell, *francamente!* – repreendeu-o Mrs. Joyes, com uma expressão de surpresa aturdida, olhando depois com uma curiosidade apreensiva para Summerhays.

– Hawkeswell... – começou a dizer Summerhays.

Ele ergueu uma mão para silenciar o amigo. Fixou o olhar no nariz delicado que estava visível para lá do perfil das abas do chapéu. – Olhe para mim, por favor. Agora. Exijo que o faça.

Ela não olhou para ele, mas após uma longa pausa, voltou-se finalmente. Sacudiu o braço para se libertar da mão que a agarrava e encarou-o. Pestanas longas, espessas e negras quase que tocavam as maçãs de rosto brancas como a neve.

Um estremecimento pareceu atravessá-la. Seria fúria? Medo? Ele nunca tinha sentido antes o espírito de alguém reagir tão intencionalmente como naquele momento.

As pestanas ergueram-se. Não foi o rosto que o fez ter a certeza. Nem tão-pouco a sua forma oval, o cabelo escuro ou o botão de rosa da sua boca. Foi antes a resignação, o pesar e a ponta de rebelião nos seus olhos azuis.

– *Maldição*, Verity. Os meus olhos *não* me enganaram.

## CAPÍTULO 2

— **S**e ela não estiver aqui em baixo daqui a dois minutos, eu subo. Juro-lhe que arraso esta casa com as minhas próprias mãos se for preciso e...

— Acalme-se, meu senhor. Tenho a certeza de que houve um mal-entendido.

— Acalmar-me? *Acalmar-me?* A minha mulher desaparecida, presumivelmente morta há dois anos, tem andado a viver aqui uma vida agradável no campo, a escassos quilómetros de Londres, sabendo perfeitamente que o mundo estava à procura dela e a senhora diz para *me acalmar?* Deixe-me lembrá-la, Mrs. Joyes, que o seu papel nisto tudo está muito perto de ser considerado criminoso e que...

— Não vou ouvir ameaças, Lord Hawkeswell. Quando se tiver recomposto o suficiente para manter uma conversa cortês, mande avisar-me. Entretanto, estarei no cimo das escadas, com a minha pistola, se se lembrar de recorrer à brutalidade. — Mrs. Joyes fez flutuar a sua elegância etérea e pálida para fora da sala de estar.

Summerhays, que tinha andado a espreitar nos armários, disse: — Ah, encontrei vinho do Porto. Para com esse andar infernal de um lado para o outro e controla esse teu mau génio, Hawkeswell. Corres o risco de parecer um imbecil imperdoável.

Ele não conseguia parar de andar de um lado para o outro. Ou de olhar para o teto na direção de onde *aquela mulher* se refugiara. – Se alguma vez na história do mundo um homem teve desculpa para ser um imbecil, Summerhays, esse sou eu. Ela já fez de mim um belo imbecil, de qualquer das formas, por isso não tenho nada a perder ao interpretar esse papel.

– Não há copos. Terá de ser isto. – Ele pegou numa delicada chávena de chá com uma mão e serviu o vinho do Porto. – Agora bebe e conta até cinquenta. Como nos velhos tempos, quando ficavas assim.

– Vou parecer ridículo a beber por aí... Oh, que se dane. – Ele agarrou na chávena e emborcou o conteúdo. Não o ajudou grandemente.

– Agora, começa a contar.

– Diabos me levem se...

– Começa a contar. Ou terei de acabar por te incutir algum bom senso à força e já passaram muitos anos desde que o teu mau génio me obrigava a isso. Um, dois, três...

A ranger os dentes, Hawkeswell começou a contar. E a andar de um lado para o outro. A fúria sanguinária desvaneceu-se na sua cabeça, mas a ira pouco esmoreceu. – Não acredito que Mrs. Joyes não sabia quem ela era. Nem que a tua mulher não soubesse.

– Se te atreveres a insinuar novamente que a minha mulher mentiu ao dizer que desconhecia esse facto, só me darei por satisfeito quando precisares de ser levado de volta para a cidade de carroça – disse Summerhays em tom de ameaça.

– Já que falas nos velhos tempos, não te esqueças que eu dou tanto quanto recebo, ou mais ainda. – Hawkeswell engoliu a sua fúria e mediu com os passos a sua contagem. – Mas que diabo de lugar é este? – perguntou ele quando chegou aos trinta. – Quem é que acolhe uma desconhecida e nem sequer lhe pergunta qual é a sua história? É insano. Uma loucura.

– É regra aqui, não perguntar. Aparentemente, Mrs. Joyes tem motivos para saber que existem com frequência boas razões para

que as mulheres escondam as suas histórias de vida e deixem os seus passados completamente para trás.

– Não consigo imaginar porquê.

– Não?

Hawkeswell parou de andar e lançou um olhar furioso a Summerhays. – Se estás a insinuar que ela tinha razões para me rezear, juro que te desafio para um duelo. Com mil diabos, ela mal me conhecia.

– Só esse facto pode tornar algumas mulheres receosas, imagino eu.

– Estás a dizer disparates agora.

Summerhays encolheu os ombros. – Só vais em quarenta e cinco.

– Já estou bem.

– Sejam perfeccionistas.

Hawkeswell deu mais cinco passos pesados. – Já está. Agora estou perfeitamente acalmado. Vai dizer a Mrs. Joyes que *exijo falar com a minha mulher, raios*.

Summerhays cruzou os braços e examinou-o cuidadosamente. – Mais cinquenta, parece-me.

Lizzie estava sentada na cama, a escutar os brados de indignação que vinham lá de baixo. Teria de descer em breve. Podia ser desculpada por tirar alguns minutos para se preparar e se acostumar à ideia da prisão antes de a porta do cárcere se encerrar de facto diante de si, pensou.

Fora uma pateta sentimental. Devia ter partido assim que Audrianna havia concordado em casar-se com Lord Sebastian na passada primavera. Ou, quando muito, na semana anterior, depois de ter completado vinte e um anos. Sempre soubera que teria uma guerra para lutar assim que atingisse a maioridade. Agora, podia nem sequer ser capaz de disparar um único tiro.

Hawkeswell acabaria por a encontrar quando ela regressasse ao mundo. Não haveria forma de o evitar. Contudo, ela planeara estar na companhia de pessoas que a conheciam e que a poderiam ajudar e estaria preparada para o enfrentar. Agora, o facto de se ter demorado naquela casa dera origem a uma catástrofe e podia acabar aprisionada naquele casamento depois de todo o esforço para o evitar.

Parou de se penitenciar. Não fora um mero devaneio sentimental que a fizera retardar a partida. Na realidade, ela não fora uma pateta. O amor mantivera-a ali, o maior amor que conhecera em muitos anos. Podia ser perdoada por se render à tentação de passar uma última semana com as suas queridas amigas, todas juntas uma última vez. A notícia de que Audrianna lhes faria uma visita chegara precisamente no dia em que planeara dizer adeus e fora o suficiente para subjugar a sua frágil determinação e medo crescente.

Os passos ruidosos ressoavam por toda a casa. Um novo praguejo atravessou as tábuas do soalho. Hawkeswell estava a todo o vapor.

Era o que se podia esperar de qualquer homem que fizesse uma descoberta tão inesperada, mas ela sempre suspeitara que ele possuía mais daquela fúria masculina do que a maioria dos homens. No momento em que se conheceram, ela concluíra imediatamente que não conviriam um para o outro. O que jamais aconteceria agora, isso era certo. Ele fora conivente com Bertram em tudo aquilo, é claro. E ela havia-o humilhado ao fugir e ao não morrer de verdade.

Uma pancada delicada na porta chamou a sua atenção. Não queria enfrentar as amigas, da mesma forma que não queria enfrentar o homem que vociferava lá em baixo, mas nenhuma das situações podia ser evitada, por isso convidou-as a entrar.

Elas entraram com as esperadas expressões no rosto. Audrianna estava de olhos arregalados de espanto sob o cabelo acastanhado elegantemente arranjado, mas vendo bem, ela era demasiado bondosa para imaginar uma mulher a atrever-se a fazer algo assim.

Celia, que provavelmente conseguia imaginar as mulheres a fazer toda a espécie de coisas, parecia apenas muito curiosa. E Daphne... bom, Daphne estava encantadora, pálida e serena como sempre e não parecia de todo surpreendida.

Daphne sentou-se ao lado dela na cama. Celia sentou-se do outro lado. Audrianna deixou-se ficar à frente dela.

– Lizzie... – começou Audrianna, interrompendo-se assim que proferiu o nome, e corou.

– Pensei em mim como Lizzie durante dois anos. Creio que agora deveriam chamar-me Verity. Imagino que seja melhor habituar-me a esse nome de novo.

O rosto de Audrianna ensombrou-se, como se ela se tivesse agarrado à convicção de ser tudo um engano.

– Então, ele tem razão – disse Daphne. O seu tom de voz indicava que ela preferira esperar igualmente que se tratasse de um engano. – Não houve qualquer tipo de erro. És a noiva desaparecida de Lord Hawkeswell.

– Nunca suspeitaste, Daphne? – perguntou Verity.

– Não. Talvez não tenha querido ver. Essa tragédia parecia muito distante e num outro mundo. Nunca pensei que a jovem com quem me cruzei perto do rio naquele dia fosse a rapariga que desaparecera.

– Eu suspeitei. Ou melhor, perguntei-me – afirmou Celia. – Passou pela minha cabeça uma ou duas vezes.

Audrianna ficou de boca aberta a olhar para a bonita Celia de cabelos loiros. Por sua vez, Celia tomou a mão de Verity nas suas, dando umas palmadinhas leves. – Mas depois dizia a mim mesma, não, não pode ser. Aquela rapariga está de certeza morta. Lizzie não pode ser aquela rapariga, a não ser que tenha perdido a memória. Uma mulher não foge no dia do casamento para viver na frugalidade e na obscuridade. Especialmente se for uma herdeira e o seu novo marido, um conde.

Seguiu-se um silêncio. Havia uma regra naquela casa. Ninguém se intrometia. Ninguém exigia explicações. Fora esse o motivo